

1

Asargento detetive D.D. Warren se orgulhava de suas excelentes habilidades de investigação. Tendo servido por mais de 12 anos no DP de Boston, ela acreditava que trabalhar uma cena de homicídio não era apenas uma questão de seguir as regras, mas sim uma completa imersão sensorial. Ela sentiu o buraco liso, perfurado no painel de madeira da parede por uma bala 32 muito quente e girando em alta velocidade. Escutou o som dos vizinhos fofocando do outro lado das paredes finas porque, se conseguia ouvi-los, então eles definitivamente tinham ouvido a coisa muito ruim que acontecera ali.

D.D. sempre prestava atenção em como um corpo havia caído, se era para frente ou para trás ou levemente para um dos lados. Experimentava o ar em busca do gosto acre da pólvora, que podia permanecer por uns bons 20 ou 30 minutos depois do último disparo. E, em mais de uma ocasião, havia estimado o momento da morte com base no odor do sangue — que, como carne fresca, começava relativamente suave, mas ficava mais pesado, assumindo tons de terra à medida que o tempo passava.

Hoje, no entanto, ela não ia fazer nenhuma dessas coisas. Hoje, estava passando uma manhã, uma preguiçosa manhã de domingo vestida num

moletom cinza e a camisa vermelha de flanela grande demais do Alex. Estava acampada na mesa da cozinha dele, agarrada a uma grossa caneca de cerâmica cheia de café enquanto contava lentamente até 20.

Tinha chegado a 13. Alex havia finalmente chegado à porta da frente. Agora ele parara para enrolar o longo cachecol azul no pescoço.

Ela contou até 15.

Ele terminou com o cachecol. Foi até o chapéu negro de lã e as luvas de couro. A temperatura lá fora mal passava dos -7°C . Vinte centímetros de neve no chão e outros 15 previstos para cair no fim de semana. Março não significava primavera na Nova Inglaterra.

Alex ensinava análise de cena de crime, entre outras coisas, na Academia de Polícia. Hoje teria o horário completo de aulas. Amanhã os dois teriam o dia livre, o que não acontecia com frequência e garantia algum tipo de atividade divertida ainda a ser determinada. Talvez patinar no gelo no Boston Commons. Ou uma viagem até o Museu Isabelle Stewart Gardner. Ou um dia preguiçoso abraçados no sofá assistindo a filmes antigos, com uma grande tigela de pipoca com manteiga.

As mãos de D.D. tiveram um espasmo ao redor da caneca de café. Certo, então sem pipoca.

D.D. contou até 18, 19, 20...

Alex terminou com as luvas, pegou a pasta velha de couro e foi até ela.

— Não fique com muita saudade de mim — ele disse.

Ele a beijou na testa. D.D. fechou os olhos, recitou mentalmente o número 20, então começou a contar de volta até zero.

— Vou escrever cartas de amor para você o dia todo, com pequenos coraçõezinhos nos is — ela retrucou.

— No seu fichário do colegial?

— Algo assim.

Alex recuou. D.D. chegou a 14. A caneca dela tremeu, mas Alex pareceu não notar. Ela respirou fundo e seguiu em frente. *13, 12, 11...*

Ela e Alex estavam juntos fazia pouco mais de seis meses. Naquela altura havia uma gaveta inteira só sua no pequeno rancho dele, e ele tinha uma parte do armário no apartamento dela em North End. Quando ele

dava aula, era mais fácil ficarem ali. Quando ela estava trabalhando, era mais fácil ficarem em Boston. Nenhum dos dois tinha horário fixo. Isso implicaria planejamento e solidificar mais um relacionamento que os dois tomavam muito cuidado para não definir demais.

Eles gostavam da companhia um do outro. Alex respeitava os horários malucos dela como detetive de homicídios. Ela respeitava a habilidade dele na cozinha como um italiano de terceira geração. Pelo que podia dizer, os dois ansiavam pelas noites em que ficavam juntos, e sobreviviam às noites quando não ficavam. Eram dois adultos de mentalidade independente. Ela acabara de fazer 40 anos, e Alex havia cruzado essa linha fazia alguns anos. Não eram mais adolescentes ruborizados que passavam cada momento despertos pensando um no outro. Alex já tinha sido casado. D.D. entendia como eram as coisas.

Ela vivia para trabalhar, o que outras pessoas consideravam ruim para a saúde, mas que se danasse. Fora assim que chegara aonde estava.

Nove, oito, sete...

Alex abriu a porta da frente, endireitou os ombros para enfrentar a manhã congelante. Um sopro de vento frio entrou pelo pequeno hall, atingindo o rosto de D.D. Ela tremeu, apertando mais os dedos em torno da caneca.

— Te amo — Alex disse, indo para fora.

— Também te amo.

Alex fechou a porta, D.D. voou pelo corredor bem a tempo de vomitar.

Dez minutos mais tarde, ela permanecia largada no chão do banheiro. Os ladrilhos decorativos eram dos anos 1970, dúzias e dúzias de quadradinhos beges, marrons e dourados. Olhar para eles a fez querer vomitar outra vez. Contá-los, porém, era um exercício de meditação bastante bom. Ela inventariou ladrilhos enquanto esperava que suas faces vermelhas esfriassem e o estômago se desenrolasse.

O celular tocou. Ela olhou para ele ali no chão, sem qualquer grande interesse, dadas as circunstâncias. Mas então reparou em quem estava ligando e decidiu ter pena dele.

— Que foi? — exclamou, o que era a forma habitual como atendia o ex-namorado e atualmente casado detetive da Polícia Estadual de Massachusetts, Bobby Dodge.

— Não tenho muito tempo. Escuta bem.

— Não estou trabalhando — ela disse automaticamente. — Os casos novos vão para o Jim Dunwell. Vá encher o saco dele. — Então ela franziu a testa. Bobby não podia estar ligando por um caso. Como policial do município, ela recebia suas ordens da torre de Boston, e não de detetives da polícia estadual.

Bobby continuou como se ela não tivesse falado.

— É uma merda daquelas, mas tenho certeza de que é a *nossa* merda, então você tem de escutar. Estrelas e faixas estão aqui do lado, e os jornalistas do outro lado da rua. Venha pela rua dos fundos. Não tenha pressa, preste atenção em *tudo*. Eu já perdi um bom ponto de vista, e acredite, D.D., nesse caso você e eu não podemos nos permitir deixar passar nada.

O franzido na testa de D.D. ficou mais profundo.

— Que história é essa, Bobby? Não tenho ideia do que você está falando, sem falar que estou de folga.

— Não está mais. O DPB¹ vai querer uma mulher cuidando disso, enquanto o estado vai querer alguém no caso também, de preferência alguém que já foi *trooper*². Os chefes vão ligar, o caso é nosso.

Ela escutou um barulho novo, vindo do quarto. Seu pager tocando. Droga. Estavam atrás dela, o que queria dizer que o que Bobby estava dizendo tinha mérito. Ela se levantou, apesar das pernas tremerem, e pensou que fosse vomitar de novo. Deu o primeiro passo só por causa da força de vontade e o resto foi mais fácil depois disso. Foi para o quarto, uma detetive que já havia perdido dias de folga antes e perderia novamente.

— O que preciso saber? — ela perguntou, a voz mais firme agora, o fone preso contra o ombro.

¹ Departamento de Polícia de Boston (N. T.).

² Patente utilizada por algumas das polícias estaduais nos Estados Unidos que são responsáveis pelo patrulhamento das estradas e têm também todas as atribuições das polícias municipais. O termo é usado igualmente para designar todo componente dessas polícias estaduais, mesmo que a patente do policial seja outra (N. T.).

— Neve — Bobby murmurou. — No chão, árvores, janelas. Droga. Temos policiais andando por todos os lados...

— Tire eles daí! É a porra da minha cena, tire eles todos daí!

Ela encontrou o pager na cabeceira da cama — sim, era um chamado do controle de Boston — e começou a tirar a calça do moletom.

— Eles estão fora da casa. Acredite, até os chefes sabem que é melhor não contaminar uma cena de homicídio. Mas não sabíamos que a menina estava desaparecida. Os policiais selaram a casa, mas não se importaram com o lado de fora. E agora tem pegadas por todos os lados, e não tenho como examinar nada. Precisamos de alguma coisa.

D.D. conseguiu tirar a calça e começou a tirar a camisa de Alex.

— Quem morreu?

— Um homem branco de quarenta e dois anos.

— Quem sumiu?

— Uma menina branca de seis anos.

— Tem algum suspeito?

Uma longa, longa pausa.

— Venha para cá — Bobby disse secamente. — Você e eu, D.D. Nosso caso. Nossa dor de cabeça. Temos de resolver isso bem depressa.

Ele desligou. D.D. olhou feio para o celular, então o jogou na cama para terminar de vestir a camisa branca.

Certo. Homicídio com uma criança desaparecida. Polícia estadual já está no local, mas a jurisdição é Boston. Por que então a polícia estadual iria...

Então, ótima detetive que era, D.D. finalmente juntou os pontos.

— Ah, merda!

D.D. não estava mais com náuseas. Estava furiosa.

Ela pegou o pager, o distintivo e o casaco para inverno. Então, com as instruções de Bobby ecoando nos ouvidos, preparou-se para emboscar sua própria cena de crime.



